



PEDAGOGIA DE MASSAS DO NEOCONSERVADORISMO

José Eustáquio Romão¹

RESUMO

Este trabalho tem como objeto a análise dos problemas conjunturais da realidade atual brasileira, mais especificamente as voltadas para o desvendamento do fenômeno denominado “bolsonarismo”, o qual parece escapar às ferramentas analíticas usadas até agora pelos cientistas sociais – mesmo dos inscritos no Materialismo Histórico-Dialético. Agregam-se nele categorias psicanalistas, na perspectiva analítica de Wilhelm Reich, quando escreveu *A Psicologia de massas do fascismo*, escrito na primeira metade do século XX, quando este psicanalista acertou e superou seus colegas marxistas, explicando o fenômeno das massas sob o nazi-fascismo.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Fascismo. Nazismo. Neoconservadorismo. Psicanálise.

MASS PEDAGOGY OF NEOCONSERVATISM

ABSTRACT

This work has as its object the analysis of the conjunctural problems of the current Brazilian reality, more specifically those focused on the unveiling of the phenomenon called “Bolsonarism”, which seems to escape the analytical tools used until now by social scientists – even those enrolled in Historical—Dialectic Materialism. Psychoanalyst categories are added to it, in the analytical perspective of Wilhelm Reich, when he wrote *The Mass Psychology of Fascism*, written in the first half of the 20th century, when this psychoanalyst succeeded and surpassed his Marxist colleagues, explaining the phenomenon of the masses under the Nazi-fascism.

Keywords: Bolsonarism. Fascism. Nazism. Neoconservadorism. Psychoanalysis.

PEDAGOGÍA DE MASAS DEL NEOCONSERVADURISMO

RESUMEN

Este trabajo tiene como objeto el análisis de los problemas coyunturales de la realidad brasileña actual, más específicamente aquellos centrados en el develamiento del fenómeno denominado “Bolsonarismo”, que parece escapar a las herramientas analíticas utilizadas hasta ahora por los científicos sociales – incluso los inscritos en Materialismo Histórico-Dialéctica. Se le añaden categorías psicoanalistas, en la perspectiva analítica de Wilhelm Reich, cuando escribe *La Psicología de Masas del Fascismo*, escrito en la primera mitad del siglo XX, cuando este psicoanalista triunfó y

¹ Professor e Diretor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove); Diretor Fundador do Instituto Paulo Freire e Secretário Geral do Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9276-0039>. E-mail: jer@terra.com.br



superó a sus colegas marxistas, explicando el fenómeno de las masas. bajo los nazis, el fascismo.

Palabras-clave: Bolsonarismo. Fascismo. Nazismo. Conservadurismo. Psicoanálisis.

INTRODUÇÃO: AS VÍTIMAS DA ORTODOXIA

As ortodoxias e os sectarismos causam males expressivos, tanto na elaboração teórica quanto na ação política, na medida em que só geram, respectivamente, intelectuais preguiçosos e mártires. De fato, os que não querem pensar, mas simplesmente repetir o que ouviram de seus mestres inserem-se no universo da preguiça intelectual; da mesma forma seus companheiros, militantes sectários, agem, cega e inconsequentemente, em busca de realizações que mal compreendem. Seu substrato comum é a negação do diálogo com os diferentes que escolheram outras opções políticas.

Paulo Freire fez uma interessante distinção entre radicalismo e sectarismo:

É que a sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora.

[...] A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada.

[...] Não são raros os revolucionários que se tornam reacionários pela sectarização em que se deixam cair, ao responder à sectarização do reacionário de direita (2018, p. 43-44)².

Quando Wilhelm Reich escreveu *Die Massenpsychologie des Faschismus* 1933³, acabou arrostando, de um lado, as baterias das patrulhas ideológicas

² Todas as citações de *Pedagogia do oprimido* serão extraídas da edição fac-similada do manuscrito, com o objetivo de disseminar, a partir de agora, a versão "decentemente autêntica" da obra mais importante de Freire. Esta qualificação da edição se justifica porque o próprio Freire considerou como "primeira decente" a 17a. edição brasileira, que ele mesmo revisara. Nela, entretanto, certamente ainda ficaram erros por traição da memória e que somente poderiam ser superados no confronto direto com o manuscrito, que Freire tanto quis e não logrou, infelizmente, rever em vida.

³ Traduzida como *Psicologia de massa do Fascismo* e publicada, pela primeira vez em português, na cidade do Porto (Portugal), em 1974. Na verdade, Reich inclui o Nazismo no Fascismo, generalizando o termo. Os estudiosos dos dois fenômenos autoritários sabem que o

dos marxistas ortodoxos, que enxergavam apenas suas concepções freudianas e, por isso, consideraram-no com a visão de mundo burguesa; e, de outro lado, os freudianos também lhe assestaram suas baterias críticas, já que passaram a considerá-lo um traidor da Psicanálise, na medida em que assumira as categorias materialistas-dialéticas de análise. Os ataques dos dois lados resultaram de posições sectárias. Este, lamentavelmente, é o preço que pagam os pensadores que tentam estabelecer diálogo entre diferentes teorias e posições. Conforme demonstrei em um texto há muitos anos publicado (v. ROMÃO, 1984), Reich já vinha sofrendo os ataques desta ordem a partir do momento em que tentou conciliar, em uma extraordinária síntese, o Materialismo Dialético de Karl Marx e a Psicanálise de Sigmund Freud.

No entre-guerra, ao fazer afirmações como “Freud e a maioria dos seus discípulos recusam as consequências sociológicas da psicanálise e procuram ativamente não sair fora do âmbito da sociedade burguesa” (REICH, 1974, p. 8) e “[...] a política marxista não tinha incorporado, ou o tinha feito mal, aos seus cálculos e à sua prática política a psicologia das massas e os efeitos sociais do misticismo” (*id.*, *ibid.*, p. 11), acabou atraindo tais ataques.

Na maioria das vezes, os pensadores que tentam sínteses entre correntes diversas ou antagônicas, acabam atraindo ataques de todos os lados. Na verdade, lutam contra os perigos do ecletismo potencializados pela superação de visões unilaterais.

Foi o que aconteceu com Reich, cuja biografia demonstra as múltiplas resistências que levantou contra si e que lhe dificultaram viver em um planeta no qual não cabiam ainda, nem suas ideias, nem sua militância⁴.

Nazismo alemão apresenta singularidades que o diferem do Fascismo italiano. Neste sentido, talvez, o título mais apropriado da obra devesse ser “Psicologia de massa no Nazismo”.

⁴ Wilhelm Reich (1897-1957), apesar de inovar a Psicanálise a partir de 1919 e de ter criado, com o apoio de Freud, o Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena, acabou sendo hostilizado pelos psicanalistas. Publicou, em 1923, na *Revista de Sexologia*, o texto “Sobre a Energia dos Impulsos”, entrando, no mesmo ano, para o Partido Comunista da Áustria, inovando, também, as teorias marxistas. Em 1931, criou a “Berlim Sexpol”, visando a luta da juventude operária alemã pela emancipação econômica, política e sexual. Sobre o tema já havia escrito, em 1913, uma brochura, *O combate sexual da juventude* (1975). As tentativas de fundir as ideias de Freud com as de Marx custaram-lhe o rompimento de relações com o “Pai da Psicanálise, sendo expulso, em 1934, da Sociedade Freudiana e da Associação Psicanalítica Internacional. Ao publicar a *Análise do Caráter e Psicologia das Massas do*



Semelhantemente a Reich, embora com menores consequências pessoais trágicas, Lucien Goldmann⁵ também desafiou as hostes marxistas ao incorporar as perspectivas psicanalíticas e estruturalistas (do Estruturalismo Linguístico) nas suas abordagens sobre os fenômenos histórico-sociais. Na verdade, Goldmann tentou sintetizar a Epistemologia Genética de Piaget com o Materialismo Histórico-Dialético de György Lukács e, por isso, embora incorporasse algumas das ferramentas do Estruturalismo Linguístico em seus estudos sobre a cultura, sua Sociologia da Literatura acabou por constituir uma das mais consequentes críticas marxistas ao Estruturalismo Clássico nesse campo do conhecimento. Goldmann, falecido em 8 de outubro de 1970, diferentemente de Reich, foi reconhecido em vida e, cada vez mais, vem sendo consagrado como um pensador materialista dialético, graças ao trabalho de seus discípulos, especialmente Annie Goldmann, Michel Löwy e Samir Naïr (1977).

O que me atrai em ambos os pensadores são seus esforços no sentido de dar racionalidade científica a fenômenos até então “inexplicáveis” e “ininteligíveis” para as ferramentas analíticas disponíveis em seu próprio campo paradigmático.

4

Fascismo, foi expulso do Partido Comunista. “Exilado” nos Estados Unidos, a partir de 1939, passou a ser investigado pelo FBI como ativista subversivo. Processado em 1954, foi condenado e preso em 11 de março de 1957. Faleceu na Penitenciária Federal de Lewisburg, na Pensilvânia, no dia 3 de novembro do mesmo ano, tendo seus livros e instrumentos de pesquisas expurgados e destruídos.

⁵ Lucien Goldmann (1913-1970), nasceu em Bucareste, Romênia, onde estudou Direito, completando esses estudos na Universidade de Viena, sob a orientação do austríaco marxista Max Adler. Foi para a Universidade de Paris, onde estudou economia política, literatura e filosofia. Exilou-se na Suíça, em 1942, permanecendo em um campo de refugiados até o ano seguinte. Com o apoio de Jean Piaget, recebeu uma bolsa para estudar na Universidade de Zurich. Aí, defendeu sua tese de doutorado em Filosofia *Mensch, Gemeinschaft und Welt in der Philosophie Immanuel Kants: Studien zur Geschichte Dialektik* (O homem, a comunidade e o mundo na Filosofia de Immanuel Kant: estudo sobre História Dialética), publicada no Brasil com o título *Origem da dialética: a comunidade humana e o universo em Kant* (1967). Dedicou-se aos estudos de Sociologia da Cultura, produzindo obras, como *Le Dieu caché* (1959), nas quais desenvolveu uma poderosa teoria do conhecimento que conjuga os princípios do Materialismo Dialético, especialmente a partir do jovem Lukács, com o Estruturalismo, auto classificando-se como “estruturalista genético”. Em 1977, Annie Goldmann, Michael Löwy e Sami Naïr organizaram uma coletânea que carrega, no título, exatamente esta identificação do pensamento goldmanniano: *Le Structuralisme Génétique: l'oeuvre et l'influence de Lucien Goldmann* (O Estruturalismo Genético: a obra e a influência de Lucien Goldmann).



A História comprovou mais tarde que Reich era, talvez, o único pensador marxista que estava com a razão a respeito da tendência política mundial nos anos do entre-guerras, quando a maioria de seus colegas interpretava que os países europeus tenderiam para a esquerda. Reich alertou que a direção dos movimentos políticos pendia para regimes autoritários de direita. Com a euforia da vitória bolchevista na Rússia, em 1917, e com o avanço do Socialismo em países da Europa Ocidental, os analistas materialistas histórico-dialéticos vaticinavam que o mundo se “esquerdizaria”. Reich foi uma das poucas vozes⁶ que se levantou contra esta previsão, alertando sobre os limites epistemológicos dos intelectuais de esquerda, demonstrando que a abordagem dos problemas histórico-sociais apenas com categorias econômicas, sociológico-históricas ou politológicas era insuficiente, já que o encaminhamento da correlação de forças políticas ultrapassava o universo sócio-histórico, inserindo-se, também, no campo da Psicologia Social, ou mais especificamente, da Psicanálise Social.

A retomada das reflexões de Reich se justifica nesta segunda década do século XXI por causa da onda neoconservadora que grassa pelo mundo, tomando de surpresa os intelectuais de plantão. O neoconservadorismo é a expressão mais radical da reação às políticas pós-neoliberais, chegando às raias do Fascismo e do Nazismo.

VERDADE E IDEOLOGIA

Embora ultrapasse os limites deste trabalho fazer a reconstituição histórica do termo e do conceito de ideologia⁷, nunca é demais lembrar, sinteticamente, que o vocábulo “ideologia” apareceu, pela primeira vez, na obra *Éléments d’Idéologie*, de Destutt de Tracy, em 1801, com o mero sentido

⁶ Embora mais de uma década depois, a ele se somaram Adorno e Horkheimer que, já no final da II Guerra Mundial, publicaram a *Dialektik der Aufklärung: philosophische Fragmente* (1944) com o intento de “descobrir porque a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

⁷ Tomo a liberdade de remeter o leitor para um texto sintético sobre este complexo e ambíguo conceito: v. KONDER, 2002).

de "tratado sobre as ideias". Depois, ganhou uma conotação epistemológica negativa, atribuída por Napoleão Bonaparte aos iluministas, numa alocução ao Conselho de Estado em 1812, na tentativa de desqualificá-los por causa de sua posição crítica em relação ao regime que ele implantara na França.

Marx e Engels mantiveram esta conotação epistemológica negativa (*passim*) atribuída pelo imperador francês ao termo e ela permaneceu na ortodoxia de pensadores marxistas, como é o caso de Marilena Chauí: "[...] ideólogo é aquele que inverte as relações entre as ideias e o real" (CHAUÍ, 1981, p. 25). E ela ratifica:

Os ideólogos são aqueles membros da classe dominante ou da classe média (aliada natural da classe dominante) que, em decorrência da divisão social do trabalho em trabalho material e espiritual, constituem a camada dos pensadores ou dos intelectuais. Estão encarregados, por meio da sistematização das ideias, de transformar as ilusões da classe dominante (isto é, a visão que a classe dominante tem de si mesma e da sociedade) em representações coletivas universais (*id.*, *ibid.*, p. 95).

Neste sentido, a ideologia é concebida como conjunto de deturpações cometidas pela burguesia e por seus aliados, que têm de esconder a verdade para conseguirem seus objetivos na acumulação capitalista. Em suma, para ela, o discurso ideológico é, no mínimo, dissimulação e, no máximo, ocultação da verdade e, por via de consequência, a ideologia se opõe diametralmente à teoria.

Leandro Konder (1936-2014), outro autor marxista brasileiro, recorre às necessidades da militância como justificativa para o equívoco de Marx e Engels em atribuir à ideologia essa negatividade, debitando-a apenas na conta dos adversários burgueses: "Na conceituação da ideologia, por exemplo, alguns textos dos dois autores do *Manifesto comunista* sublinham com certa unilateralidade, em função da necessidade do combate, a dimensão da falsa consciência" (KONDER, 2002, p. 49).

A partir de Lênin, o vocábulo ganharia uma conotação mais generalista, chegando aos dias atuais como praticamente sinônimo de visão mundo. É neste último sentido que ele será utilizado neste trabalho.

Todas as classes sociais elaboram suas ideologias a partir de suas posições nas relações de produção e não podem deixar de fazê-lo. Ou seja, todos os seres humanos fazem opções ideológicas com as quais marcam as formulações de suas teorias e suas intervenções nas tentativas de manutenção ou de transformação do mundo.

A prévia revelação das próprias opções ideológicas pelo emissor que se é fundamental para diminuir o efeito ideológico nos interlocutores. Ao contrário do que prega o Positivismo, que considera possível a neutralidade, a “asepsia ideológica”, as “pré-noções” decorrentes das opções ideológicas que todos fazem não podem ser afastadas. Como afirma Löwy:

Durkheim, como bom positivista⁸, crê que os “preconceitos” e as “pré-noções” podem ser “afastados” como afastamos um óculos escuro para ver mais claro. Ele não compreende que essas “pré-noções” (quer dizer, as ideologias) são como o estrabismo e o daltonismo. Parte integrante do olhar, elemento constitutivo do ponto de vista (2018, p. 16).

Da perspectiva analítica dialética é tampouco possível afastar os juízos de valor e restringir-se ao campo dos juízos de fato, como querem também os defensores do pensamento positivista. Os juízos, quaisquer que sejam eles, estão sempre impregnados das escolhas que são feitas pelos respectivos emissores, a partir da leitura de mundo específica construída pela classe social a que pertencem. Se um emissor alerta seu interlocutor sobre suas próprias “pré-noções”, sobre suas opções prévias, prepara-o para receber criticamente (aceitando, ou não) as afirmações condicionadas por essas opções, diminuindo o efeito ideológico sobre esse interlocutor. Por um lado, quanto mais se esconde as próprias opções ideológicas sob a capa da “neutralidade”, mais ideológico se é; quanto mais se defende a “escola sem partido”, mais partidário se é. Por outro lado, quanto mais se explicita a própria ideologia, menos ideológico se é.

⁸ Aliás, não somente um representante do pensamento positivista, mas seu verdadeiro referencial no campo da teoria do conhecimento, com *As regras do método sociológico* (1977).



Na discussão sobre as teorias do conhecimento, pode-se classificá-las em dois grandes grupos: Razão Estrutural e Razão Temporal⁹. A primeira seria constituída pelo Positivismo, pelo Funcionalismo, pelo Behaviorismo e pelo Estruturalismo Linguístico, dentre outros. Sua preocupação fundamental é com a “lógica” dos discursos. Já o Historicismo e o Materialismo Dialético estariam entre as correntes que compõem a Razão Temporal¹⁰, na medida em que seu foco analítico incide sobre a “sociológica” dos discursos. Ou seja, enquanto os positivistas e seus simpatizantes preocupam-se com a coincidência absoluta entre os enunciados e a realidade objetiva, portanto, com as “lógicas” expressas na literalidade dos discursos. Os dialéticos, nas suas diversas tendências, preocupam-se mais com as condições de produção e de recepção dos discursos, portanto, com suas condicionalidades histórico-sociais das teorias. E se a análise lógica dá conta da dimensão sintático-semântica (positivista), somente a racionalidade histórico-sociológica dá conta da segunda dimensão (pragmática¹¹). Enquanto a análise lógica é imanente ao discurso (não busca nenhum elemento em seu exterior); a análise histórico-sociológica transcende o discurso e busca fora dele os elementos dos contextos em que ele foi produzido e é recebido, para explicar (no sentido que Lucien Goldmann conferiu ao verbo explicar¹²) o que foi

⁹ Em outros estudos, desenvolvi os conceitos de Razão Estrutural e de Razão Temporal (v. especialmente, ROMÃO, 2015, p. 184-185).

¹⁰ *Idem, ibidem.*

¹¹ Eliseo Verón, que considera a necessidade de três passos na análise de qualquer discurso: o sintático, o semântico e o pragmático. No primeiro, são analisadas as relações dos signos entre si; no segundo, as relações entre os signos e seus respectivos *denotata* (referentes) e, finalmente, no terceiro, pragmático, são analisados os contextos de produção e recepção dos discursos (VERÓN, 1970, p. 165-192).

¹² “Compreensão” e “explicação” são, para o pensador romeno, os dois passos do conhecimento humano. No primeiro, isola-se o objeto, tomado como uma totalidade relativamente autônoma, para analisar as relações entre as partes que a constituem e as relações das partes com o todo. Na explicação, o objeto é recolocado no seu contexto, para que seja analisado como parte constitutiva de um outro todo mais amplo, também relativamente autônomo, de dependências internas. Neste segundo passo, compreende-se a nova totalidade e explica-se a primeira, agora, tomada como parte de uma totalidade mais ampla (v. GOLDMANN, 1970, p. 41). A análise “compreensiva” goldmanniana equivale à análise sintático-semântica veroniana – na verdade, é difícil de desentranhar uma da outra. Quando se examina a sintaxe de uma mensagem, automaticamente já fazemos sua compreensão semântica, isto é, já remetemos imediatamente cada unidade significativa a seu respectivo *denotatum* (referente).

"compreendido" (também de acordo com o significado que Goldmann atribuiu ao verbo "compreender") na primeira fase da análise.

Os representantes da Razão Estrutural não estão equivocados – produzem, às vezes, análises do discurso muito mais percucientes do que os dialéticos –, mas, são incompletos: falta-lhes o segundo passo analítico, que só pode ser dado quando se busca fora do discurso os elementos do todo mais amplo que o tem como parte constitutiva.

De posse da lógica e da dialética, pode-se alimentar a ilusão de se estar completa e devidamente aparelhado para a análise do comportamento humano, pessoal e coletivo. Parece-me que não. Ainda faltariam as ferramentas analíticas dos sentimentos, dos impulsos mais profundos da vida emocional humana. Wilhelm Reich e Lucien Goldmann descem, respectivamente, às profundezas dessas trajetórias abissais da mente e da emoção humanas para aí encontrarem os vetores dos comportamentos pessoais e coletivos de massa.

Com todos os riscos das resistências raivosas que ainda possam atrair, será às categorias analíticas reichianas e goldmannianas que se recorrerá para tentar construir uma racionalidade sobre a atração de massas às lideranças da onda neoconservadora que varre o Planeta, uma vez que tais lideranças, em geral, conspiram contra a autonomia, a autoafirmação, à libertação e à realização humana dessas mesmas massas.

São pensadores marxistas contemporâneos de Reich e Goldmann que afirmaram:

A disposição enigmática das massas [mesmo] educadas tecnologicamente a deixar dominar-se pelo fascínio de um despotismo qualquer, sua afinidade autodestrutiva com a paranoia racista, todo esse absurdo incompreendido manifesta a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual (ADORNO; HORKHEIMER, *op. cit.*, 13).

O substrato das concepções de Wilhelm Reich e de Lucien Goldmann são as categorias analíticas do Materialismo Histórico-Dialético e, por isso, o próximo tópico iniciar-se-á com reflexões sumárias sobre as categorias dessa corrente de pensamento que são pertinentes à análise que se pretende fazer



sobre a expressiva adesão das massas ao neoconservadorismo contemporâneo.

Recorrer-se-á, também, a um historiador da direita, que acabou por desenvolver uma análise bastante percuciente do corporativismo, sem ter dado esse nome ao fenômeno. Trata-se de Carroll Quigley, conforme se verá mais adiante neste texto.

ANÁLISES CLÁSSICAS E NÃO-CLÁSSICAS

Para efeitos deste texto, serão entendidas como “clássicas” as categorias que tentam reproduzir, análoga e ortodoxamente, as abordagens de seus prógonos referenciais, como é o caso de marxistas e psicanalistas em relação, respectivamente, a Karl Marx e a Sigmund Freud.

Do lado da esquerda materialista, tentam estabelecer, sem sucesso, os nexos explicativos das opções ideológicas e das tendências políticas e eleitorais de determinados segmentos sociais das sociedades burguesas, que estariam aderindo ao neoconservadorismo e aproximando-se do fascismo, apenas com base nos conceitos de luta de classes e de determinação econômica em última instância. Mesmo diante dessa impotência explicativa, a maioria dos teóricos inseridos no universo do Materialismo Histórico-Dialético recusa-se a admitir que outros fatores e indicadores de ordem não-econômica poderiam ajudar a esclarecer tais comportamentos mais ou menos imprevisíveis. O recurso a esses fatores não significa o abandono das categorias clássicas do Materialismo Histórico-Dialético.

Da mesma forma, psicanalistas clássicos analisam os comportamentos humanos à luz da repressão às pulsões sexuais e explicam os avanços civilizatórios por meio dos instintos sexuais sublimados. Neste caso, as realizações culturais somente poderiam ser compreendidas como produtos de relações que têm, de um lado, a sociedade como instância repressora e, de outro, o indivíduo como agente impulsivo e vivendo o dilema da luta de Eros e Thanatos em sua subjetividade mais íntima (v. FREUD, 1968, p. 1-65, v. III).

Certamente foi por causa de suas explícitas proclamações em favor de uma análise que mesclava Materialismo Dialético e Psicanálise para abordar a ascensão do Nazismo, que Reich acabou sofrendo os ataques mencionados, de ambos os lados, além de ter sido submetido à repressão que acabou por eliminá-lo até fisicamente. Da mesma forma, Lucien Goldmann e sua referência máxima, György Lukács, foram alvo de acusações de “reformismo idealista”, por terem incorporado, em suas análises temáticas não “clássicas”, apenas os fatores de ordem econômica para a explicação de fenômenos superestruturais.

Como o substrato comum de ambos os pensadores é o Materialismo Histórico-Dialético, os princípios fundantes dessa corrente de pensamento devem abrir a análise do mencionado comportamento político das massas no mundo contemporâneo.

Primeiramente, há que se lembrar que, na perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético, o Estado Burguês¹³ não é árbitro na luta de classes, mas a própria organização da dominação e da reprodução da dominação classista. O Estado concebido dessa maneira assume formas específicas para desempenhar a função de dominação, ou seja, ele incorpora diferentes configurações conforme o modo de acumulação predominante em diferentes contextos. Portanto, há uma correspondência entre o modo de produção – no caso, o Capitalismo – e a natureza do Estado – no caso, o Burguês. Esta correspondência já foi estudada por teóricos marxistas, dentre os quais se destacam Pashukanis (1970) e Poulantzas (1968); e, mais especificamente no Brasil, Octavio Ianni (1965) e Décio Saes (1985). Como todo Estado, o Burguês comporta um conjunto de normas escritas ou não escritas (Direito) e uma burocracia. O Direito Burguês se constitui pelo conjunto dos órgãos que lhe dão objetividade operativa e imperativa (poder judiciário). A particularidade do Direito Burguês em relação aos direitos pré-burgueses

¹³ Da mesma forma, “o aproveitamento dos fecundos resultados obtidos por Max Weber, a nível (sic) descritivo e morfológico; na análise do Estado moderno [...] pode ser feito pois não acarreta necessariamente [...] a incorporação da teoria weberiana do Estado” (SAES, 1985, p. 36).



(escravista e feudal, por exemplo) é que ele confere igualdade aos desiguais, tornando todos sujeitos capazes de praticarem atos de vontade, portanto, capazes de atos de contrato (mercadológicas).

O burocratismo burguês do Estado Moderno – e aqui as análises descritivo-morfológicas de Max Weber (1999) muito ajudam – compõe-se de aparelhos coletores e de aparelhos repressores, a que todos têm acesso, independentemente da classe social. Tanto os detentores dos meios de produção quanto os trabalhadores podem adentrar e participar dos órgãos que compõem a burocracia estatal, por meio dos concursos públicos. No entanto, para que as decisões não sejam universalmente socializadas, elas são hierarquizadas e as de nível superior, isto é, as que realmente pesam nos processos decisórios são reservadas às minorias dominantes e seus representantes, nos chamados “cargos comissionados”. O recrutamento para os cargos é feito, assim, por critério de competência ou por cooptação.

Embora o Capitalismo tenha permanecido hegemônico ao longo dos últimos 500 anos e tenha se estendido a todo o Planeta na segunda metade do século XX, no Brasil, ele só se implantou, a partir dos fins do século XIX. Ele alterou-se de acordo com os diversos contextos, determinando, por isso, alterações homólogas no Estado e na organização da sociedade burguesa. Desde sua implantação inicial, no Ocidente, a partir do século XV, até os dias de hoje, o Capitalismo manteve incólume sua natureza, ou seja, conservou seus princípios fundantes baseados na apropriação privada dos meios de produção, acumulação com base na exploração da mais-valia (absoluta e relativa), iniciativa particular, leis de mercado etc. Contudo, de acordo com a variação dos contextos, para manter imutáveis seus fundamentos, lançou mão de diferentes formas de organização da dominação e da reprodução da dominação, introduzindo, por isso, diferentes formas de organização e operação dos aparelhos repressores e coletores do Estado. Ele “assume formas particulares, que correspondem a modos distintos de organização da dominação de classe” (SAES, op. cit., p. 23). Este autor refere-se, neste caso, a Estados de natureza diversa: escravista, feudal, burguês etc. Neste texto, será



considerada a assunção de formas diferentes de organização da dominação classista pelo mesmo Estado (no caso, o Burguês) que, sem perder seus princípios fundantes e suas finalidades, muda a maneira de operar, tendo evidentemente, que alterar profundamente suas justificativas ideológicas. A título de exemplo, no caso brasileiro, tanto o Estado de Direito quanto a Ditadura têm sido justificados para a “garantia da democracia burguesa” diante da sempre invocada ameaça do autoritarismo marxista. Assim, qualquer simples iniciativa de aproximação de governantes progressistas com o povo com vistas à democracia direta, bem como qualquer pequeno aceno de políticas sociais e redistributivas são imediatamente interpretadas como “importações da internacional socialista” e, como medida preventiva, justificam a implantação de regimes autoritários e repressivos. A burguesia brasileira acaba por desenvolver, simultaneamente, de um lado, uma utopia – imagina que reproduzirá o período heroico de ascensão da burguesia europeia que defendia a liberdade, assim que ocorra o amadurecimento do povo para a implantação da democracia burguesa; de outro lado, desenvolve uma ideologia, que é obrigada a desenvolver por causa da nova etapa da acumulação capitalista com tendência estrutural para o autoritarismo. Em suma, mesmo mantendo sua natureza mais profunda, o Estado Burguês opera por diferentes formas: liberal-democrática (representatividade baseada no sufrágio universal), ditatorial (ausência de representação política e domínio da burocracia) e fascista (representação dos grupos de interesse ou corporações).

Mais especificamente, qual pode ser a contribuição de Reich e de Goldman para a elucidação da onda neoconservadora e da atração que ela tem provocado em tantas pessoas “de bem”, apesar das ameaças que ela representa para o Estado de Direito e para a democracia, enfim, para o processo civilizatório, por causa de sua irracionalidade e brutalidade, em síntese, por sua barbárie?

Quando Reich analisou a ascensão do Nazismo na Alemanha do entre-guerras, registrou:

O nacional-socialismo é nosso inimigo mortal, mas só podemos vencê-lo se atribuirmos a seus *pontos fortes* o justo valor e se tivermos a coragem de os proclamar. Podemos dispensar métodos mesquinhos; a demagogia grosseira é sempre um sinal de fraqueza teórica e prática e, a nada levando, é objetivamente contra-revolucionária (1974, p. 6).

Penso que o mesmo se pode dizer das invectivas da militância bolsonarista e de um tipo de esquerda que luta contra ele. Não há que subestimá-lo, nem atribuir seu sucesso à “loucura” das massas que, por uma inexplicável “Síndrome de Estocolmo Coletiva”, ofereceria afetividade grilhões a seus próprios carcereiros e instrumentos de tortura a seus próprios algozes, legitimando os danos e os sofrimentos a que são submetidas.

Se “Freud e a maioria dos seus seguidores recusam as consequências sociológicas da psicanálise e procuram ativamente não sair fora do âmbito da sociedade burguesa” (*id., ibid.*, p. 8) e se a maioria dos marxistas se recusa a incorporar as implicações psicológicas da História Sociológica Materialista, fechando os olhos aos componentes do sistema simbólico-afetivo das classes sociais, neste trabalho, tentar-se-á sintetizar, sem ecletismos, todas as racionalidades capazes de iluminar as múltiplas faces desse monstro de sete cabeças tão complexo que são as massas contemporâneas, apoiando seus próprios carrascos.

Não há mais dúvidas de que o neoconservadorismo vem ganhando dimensões de um fenômeno mundial, superando a tão proclamada e sonhada revolução proletária internacional. Não se pode repetir a falha da “Internacional Operária, quando da eclosão da guerra mundial e do esmagamento do levante revolucionário de 1918-1923 fora da Rússia” (*id., ib.*, p. 9), atribuindo à expansão do nazi-fascismo a característica de epifenômeno naturalmente cíclico. Tampouco se pode considerar que essa expansão ascensionista da direita no entre-guerras constituiu uma mera explosão histórica no contexto de uma crise efêmera. Ela foi parte integrante da estrutura do Capitalismo, em um novo contexto da acumulação, no qual seus defensores aperfeiçoaram técnicas de dominação nunca antes percebidas na História da humanidade, seja no campo da efetiva opressão econômico-política, seja no da repressão simbólico-afetiva.

Hoje, lamentavelmente, há de se constatar que o neoconservadorismo triunfa sobre as propostas socialistas, na mais profunda crise e no mais brutal processo de acumulação capitalista. E, para dar um mínimo de racionalidade à compreensão de seu sucesso, além das ferramentas analíticas tradicionais, há de se agregar outras. Como foi mencionado, Goldman filia-se ao que de melhor secundou as formulações de Jean Piaget, que criou a Epistemologia Genética; já Wilhelm Reich realizou uma feliz aproximação entre a Psicanálise e o Materialismo Histórico-Dialético, criando o que se poderia denominar de Psicanálise Dialética.

Reich percebeu o caráter potencialmente genético da Psicanálise, como Lucien Golmann captou este mesmo traço no Estruturalismo Linguístico e ambos acabaram por dar uma enorme contribuição ao desvelamento de situações aparentemente incompreensíveis no comportamento das massas no mundo capitalista-burguês.

UMA TENTATIVA DE COMPREENSÃO DO APARENTEMENTE ININTELIGÍVEL

Este tópico deve ser começado com uma afirmação importante de Goldman: “Quando a consciência perde contato com a realidade, perde também qualquer valor real e se torna uma fraqueza ou um escapismo” (1967, p. 5). Ao contrário, quando se propõe a ler o mundo e se apresenta ao engajamento como uma ferramenta de transformação do mundo, a consciência de classe se torna visão de mundo e arquiteta um projeto global integral, isto é, formula uma proposta completa para preservar ou transformar o projeto social em todos os seus setores.

Não é demais recordar que, na época em que Reich escreveu a *Psicologia de massas do fascismo* (1974), ele sempre tomava como referência o “movimento proletário revolucionário”, não deixando dúvidas quanto a suas opções políticas, apesar de eventuais críticas recebidas do lado dos representantes *ex-officio* do Materialismo Dialético. Assim, ele alertou os companheiros de partido:

As formas pelas quais se efetuou a tomada do poder pelo nacional-socialismo deram ao socialismo internacional uma lição que não podemos esquecer: ou seja que, para vencer a reação política, não são precisas frases, mas um saber efetivo, não apelos, mas o despertar de um entusiasmo revolucionário autêntico, não aparelhos de partidos burocratizados, mas organizações de trabalhadores que pratiquem a democracia interna e que deixem o campo livre a todas as iniciativas, e tropas de combatentes convictos (REICH, 1974, p. 5).

Tentando atender ao alerta de Reich em relação aos dias atuais, tentar-se-á isolar algumas das categorias do neoconservadorismo para, a partir delas, tentar identificar o verdadeiro potencial autocrático dessa corrente que se alastra pelo mundo e pelo Brasil.

O Corporativismo

Neste tópico, é necessária uma digressão sobre as concepções de Carroll Quigley a respeito da “evolução das civilizações” que, aliás, é o título de sua obra mais conhecida. O aproveitamento de determinados elementos da abordagem de Quigley não implica a assunção de sua teoria como um todo. Eles ajudam a esclarecer a reflexão sobre a “corporativização” (que ele chama de “institucionalização” do ‘instrumento de expansão’”).

Carroll Quigley (1910-1977) foi um historiador norte-americano, formado em Harvard, onde também lecionou. Lecionou, também, em Stanford e Georgetown, nos anos 50 do século XX. Foi consultor do Departamento de Defesa, da *Smithsonian Institution* e da *House Select Committee of Astronautics and Space Exploration*. Desenvolveu uma teoria sobre a evolução das civilizações, à moda de Toynbee¹⁴. Quigley tenta explicar o desenvolvimento pela possibilidade de ascensão de uma civilização graças a apenas a um

¹⁴ Arnold Toynbee (1889-1975), que produziu o monumental *A Study of History*, em 12 volumes, na qual tentou explicar toda a evolução histórica da humanidade. Pertence a uma estirpe de historiadores que poderiam ser chamados de “generalistas”, no sentido de que tentaram dar racionalidade à evolução geral da humanidade por meio de um princípio explicativo único. Toynbee, por exemplo, afirma que toda civilização nasceu em resposta a um desafio real, mas não excessivo. Apesar de sua “economia teórica” e de reconhecer a teoria de Toynbee como a mais satisfatória em relação aos teóricos anteriores sobre a mesma matéria, Quigley pretende superá-lo, construindo uma teoria que explicaria porque determinadas civilizações pararam de responder aos desafios que lhe eram postos (v. Quigley, *op. cit.*, p. 87).

"instrumento de expansão", atuando dinamicamente em um dos seus "níveis da cultura": intelectual, religioso, social, econômico, político e militar. Exemplifica com o caso da infantaria romana na Antiguidade. Segundo ele, cada formação social cria "instrumentos de expansão" que acabam se responsabilizando pelo desenvolvimento da civilização como um todo, às vezes compensando outros "níveis" da mesma sociedade que não dispõem de um "instrumento de expansão" ou cujos instrumentos não são tão dinâmicos. Segundo ele, quando o instrumento de expansão não mais atende aos interesses coletivos, mas apenas aos de um segmento social, que passa a monopolizá-lo, ele se "institucionaliza, perdendo sua eficácia e levando a civilização à decadência. Dá como exemplo ilustrativo o caso dos oficiais romanos que não quiseram modernizar o exército, transformando sua força principal, a infantaria, em cavalaria. Em não respondendo a essa necessidade de reforma, o exército não estava mais atendendo aos interesses do Império Romano, mas, aos interesses corporativistas dos oficiais, que tinham receio de perder privilégios, com a reforma militar. "A incapacidade dos homens de guerra de reorganizarem suas ideias e transformarem suas forças de infantaria em cavalaria foi um dos fatores vitais na substituição da Civilização Clássica pagã pela Civilização Ocidental cristã" (QUIGLEY, 1963, p. 67). Esta "institucionalização" (corporativização) é realizada por determinados segmentos sociais que não têm mais em mira os interesses da sociedade como um todo e nem são capazes de formular e propor um projeto social total.

O corporativismo tem sido uma marca distintiva dos movimentos neoconservadores da atualidade. Basta dizer que uma de suas investidas mais audaciosas tem se dado nos parlamentos – certamente um dos nichos mais importantes da democracia representativa burguesa, no sentido da manutenção do Estado de Direito Liberal. A tentativa de substituição das bancadas partidárias pelas "bancadas de grupos de interesse" tem conspurcado um dos fundamentos que constituíram um dos instrumentos mais

poderosos da Revolução Burguesa na resistência ao Estado do chamado “Antigo Regime”¹⁵.

Sobre corporativismo, Antonio Gramsci, explica nos momentos de evolução da consciência política dos segmentos sociais de uma sociedade específica, o corporativismo é uma etapa elementar, primária, inicial. Explica, por outro lado, que o partido é a culminância de processo de evolução da consciência política:

O primeiro e mais elementar é o econômico corporativo: um comerciante que sente que deve ser solidário com outro comerciante, um fabricante com outro fabricante etc., mas o comerciante não se sente ainda solidário com o fabricante; isto é, sente-se a unidade homogênea do grupo profissional e o dever de organizá-la, mas não ainda a unidade do grupo social mais amplo. Um segundo momento é aquele em que se atinge a consciência da solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social, mais ainda no campo meramente econômico. Já se põe neste momento a questão do Estado (...) Um terceiro momento é aquele em que se adquire a consciência de que os próprios interesses corporativos, em seu desenvolvimento atual e futuro, superam o círculo corporativo, de grupos meramente econômicos, e podem e devem tornar-se os interesses de outros grupos subordinados. Esta é a fase mais estritamente política, que assinala a passagem nítida da estrutura para a esfera das superestruturas complexas; é a fase em que as “ideologias” geradas anteriormente se transformam em “partido” (...) (2004, v. III, p. 41).

Nos regimes autoritários de direita, o que ocorre é a legitimação do primeiro momento de Gramsci, no qual predomina a “consciência corporativa”, fazendo com que as corporações ganhem força na representação política, em lugar dos partidos que, aliás, são desmoralizados. A vontade nacional-popular, de raízes evidentemente rousseauianas e que, nas origens do Estado Nacional Moderno, cabia ao príncipe absolutista dirigir contra o reacionarismo dos nobres feudais, do clero e da nobreza, teria agora como centralidade o Partido, assumindo o papel de “moderno príncipe”.

¹⁵ Não se pode esquecer que seu berço está no movimento de 1215 contra o absolutismo de João Sem-Terra, da Inglaterra, e que o obrigou a assinar a Magna Carta (*Magna Charta Libertatum, seu Concordiam inter regem Johannem at barones pro concessione libertatum ecclesiae et regni angliae*), pela qual o rei também se submetia à lei. Este documento é considerado como a certidão de nascimento do constitucionalismo.

Foi assim que também ocorreu na primeira metade do século XX, quando os governos fascistas, por exemplo, não permitiram a representação partidária nos parlamentos, mas as representações corporativas.

Segundo Quigley, se a “corporativização” de um instrumento de expansão de um determinado setor social pode levar uma formação social à decadência, o que dizer de uma tendência que busca a “corporativização” de toda a sociedade? Lamentavelmente, esta tem sido a tendência de todos os regimes abraçados ao neoconservadorismo. Pelo menos na intencionalidade proclamada de suas lideranças mais expressivas é o que tem sido prometido, ameaçando a própria democracia liberal burguesa nas suas chamadas “bases republicanas” (Constitucionalidade, Estado de Direito, Liberdades Democráticas, Soberania Representativa etc.). Curiosamente, tais lideranças e seus asseclas têm pavoneado teses e tomado iniciativas que contrariam, frontalmente, as respectivas constitucionalidades, sem qualquer reação dos “guardiões da lei”, que têm desconhecido olímpicamente os verdadeiros atentados ao *corpus juris* vigente, alimentando, dessa forma, a impunidade potencializadora das ditaduras.

Ora, o que vem acontecendo nos países varridos pela onda neoconservadora é exatamente a corporativização da sociedade e da política como um todo, em um claro alinhamento com o ideário das autocracias de direita da primeira metade do século XX que dominou países da Europa Ocidental e da América Latina.

No caso brasileiro, cabe lembrar que, também na primeira metade do século XX, a Constituinte de 1934 teve uma composição nitidamente corporativista, nos moldes da *Carta del Lavoro*¹⁶ do fascismo italiano. Mais recentemente, esse processo de corporativização vem ocorrendo, sutil e

¹⁶ A *Carta del Lavoro* (Carta do Trabalho) foi a consolidação das leis do trabalho que Partido Nacional Fascista de Benito Mussolini implantou, em 1927, estabelecendo as relações de trabalho na sociedade italiana, com um forte controle do Estado. Organizada em corporações (sindicatos e associações patronais), a sociedade e o Estado correspondiam, como sempre, à organização e reprodução da dominação das classes dominantes. Este modelo foi replicado em outros países da Europa (Portugal, França e Turquia, por exemplo) e na América Latina (Argentina e Brasil, dentre outros).

persistentemente, quando se observa o fenômeno das chamadas “bancadas” que respondem aos interesses de segmentos sociais específicos: do agronegócio (“bancada do boi”), evangélica (“bancada da bíblia”), policial e militar (“bancada da bala”) etc. E essas “bancadas” tendem a se unir e a agir solidariamente, como é o caso “Frente BBB”, quando se percebem qualquer ameaça a seus interesses específicos.

Nacionalismo

Sumariamente, o Nacionalismo, embora tenha se tornado uma importante categoria/bandeira da identidade de muitos povos, no mundo ocidental, foi uma invenção diabólica do Capitalismo. Quando Richard Arkwright (1732-1792), além de inventar o tear hidráulico, instalou a primeira fábrica (1771), superou o “sistema doméstico” ou “por empreitada” e inaugurou o inferno chamado “sistema fabril”, em que os produtores diretos não apenas foram “libertados” da propriedade dos meios de produção, mas passaram a vender a própria força de trabalho – único bem que lhe restara – em troca do salário, passando a trabalhar em grandes estabelecimentos. Como tudo é dialético, a reunião dos trabalhadores em um mesmo local, em um mesmo espaço de trabalho, se, por um lado, facilitava a exploração da mais-valia (absoluta e relativa); por outro lado, acabou por potencializar o desenvolvimento da solidariedade mútua e da consciência de classe, diante dos atrozes sofrimentos a que eram submetidos as trabalhadoras e os trabalhadores. A burguesia, que caminhava para ser a detentora exclusiva dos meios de produção, não contava com a emergência desse novo e perigoso “coletivo de classe”, que poderia opor resistência aos novos processos de exploração da mão de obra no inferno chamado “fábrica”.

A esse coletivo de classe era preciso dar lugar a outro coletivo que o eclipsasse, anulando-o em nome de uma unidade mais ampla, que incluía a classe exploradora, sem que os explorados o percebessem. Desse modo, o “amor à Pátria”, o “amor à Nação” diluía as identidades das classes em

conflito, em nome de uma abstração mais genérica e mistificadora¹⁷. Nascia, assim, o Nacionalismo, que levado ao extremo, pode desencadear o “patriotismo fundamentalista”, como foi o caso do que aconteceu no Fascismo e no Nazismo e vem acontecendo com os asseclas do Bolsonarismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS INCONCLUSAS, INCOMPLETAS E INACABADAS

A tragédia da existência humana está na consciência de sua incompletude, inconclusão e inacabamento. Ademais, ela reside também no fato de que, ao dever tender para a completude, para a conclusão e para o acabamento, o ser humano chega à conclusão de que jamais poderá atingi-los plenamente. Tal existência trágica só pode ser superada pela esperança “ontológica”¹⁸, portanto, pela esperança ativa e histórica. Tal superação não se alcança pela “esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica”, porém, por aquela que não se confunde com “pura teimosia mas [que se objetiva] por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 1992, p. 10); a que “precisa da prática para tornar-se concretude histórica”. Na verdade, “não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã” (*id.*, *ibid.*, p. 11). Ou em outros termos, a esperança que se confunde com espera pode virar desespero.

Outro alerta de Reich muito importante está contido no seguinte registro:

A ciência é inimiga mortal da reação política. Mas o sábio que pensa salvar a existência sendo prudente e “apolítico” e que, vendo mesmo os mais prudentes expulsos e presos, não soube extrair a lição desses fatos, este sábio já não pode ter a pretensão de ser tomado a sério e participar mais tarde na reconstrução efetiva da sociedade (1974, p. 7).

¹⁷ Freud, em “O futuro de uma ilusão” (*in: Obras Completas*, v. I, 1968) analisou magistralmente a identificação do escravo com o Império Romano, embora essa institucionalidade lhe negasse qualquer direito e o explorasse no limite de suas forças.

¹⁸ Deve ser aqui entendida como ontologia do ser histórico-social.



Parafrazeando Adorno e Horkheimer, sabe-se que, no Capitalismo, tudo “se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade” (1985, p. 19) e todo conhecimento científico crítico torna-se suspeito.

Por isso, nestes tempos em que o Fascismo e o Nazismo travestem-se de um “inocente” e trivial Neoconservadorismo, grassando pelo mundo e, de modo especial pelo Brasil, o intelectual tem o compromisso de tentar entender o fenômeno de modo a explicar o envolvimento de massas na loucura do extremismo nacionalista anticomunista, homofóbico, xenófobo, racista, em suma, ditatorial, antidemocrático e antirrepublicano (que são outras categorias abandonadas neste trabalho, dados os limites de um artigo). Neste sentido, parece que as análises clássicas não estão dando conta do fenômeno e o contexto cobra a agregação de outras ferramentas analíticas para se dar conta do que poderia ser denominado “Síndrome de Estocolmo Coletiva”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** 5. ed., São Paulo: Brasiliense, 1981.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** 8. ed., Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido:** o manuscrito. São Paulo: Ed. Uninove; Ed,L; BT Acadêmica, 2018.

FREUD, Sigmund. **Obras completas.** Tradução Ramon Rey Ardid, Madrid: Biblioteca Nueva, 1968, v. III.

GOLDMANN, Lucien. **Marxisme et sciences humaines.** Paris: Gallimard, 1970.

GOLDMANN, Lucien. **Origem da dialética:** a comunidade humana e o universo em Kant. Tradução Haroldo Santiago, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.



GOLDMANN, Lucien. **Le Dieu caché**: étude sur la vision tragique dans les *Pensées* de Pascal et dans le théâtre de Racine (O Deus escondido: estudo sobre a visão trágica no *Pensamentos* de Pascal e no teatro de Racine). Paris: Gallimard, 1959.

GOLDMANN, Annie; LÖWY, Michal; NAÏR, Samir. **Le Structuralisme Génétique**: l'oeuvre et l'influence de Lucien Goldmann. Paris: Denoël-Gonthier, 1977.

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Ática, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, (organização Carlos Nelson Coutinho, 6 v).

IANNI, Octavio. **Estado e Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÖWY, Michael. **Marxismo contra Positivismo**. São Paulo: Cortez, 2018.

PRÉLOT, Marcel. **La science politique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

NERES, Geraldo Magela. **Gramsci e o “Moderno Príncipe”**: a teoria do partido nos *Cadernos do Cárcere*. São Paulo: Acadêmica, 2012.

PASHUKANIS, Evgeny Bronislávovich. **La théorie générale du droit et du Marxisme**. Paris: EDI, 1970.

POULANTZAS, Nicos. **Pouvoir politique et classes sociales**. Paris: Maspero, 1968.

QUIGLEY, Carroll. **A evolução das civilizações**: uma introdução à análise histórica. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massa no Fascismo**. Tradução J. Silva Dias, Porto: Publicações Escorpião, 1974.

REICH, Wilhelm. **O combate sexual da juventude**. Tradução Jorge Silvano, Porto: Dinalivro, 1975.

ROMÃO, José Eustáquio. Materialismo Dialético e Psicanálise. In **Educação e Sociedade**, v. 7, n. 17, p. Campinas, 1984, p. 106-113.



ROMÃO, José Eustáquio. Pesquisa na instituição de ensino superior: referencial teórico, que bicho é este? *In*: TAVARES, Manuel; RICHARDSON, Roberto Jarry. **Metodologias qualitativas**: teoria e prática. Curitiba: CRV, 2015, p. 173-191.

SAES, Décio. **A formação do estado Burguês no Brasil (1888-1891)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

VERÓN, Eliseo. **Ideologia, estrutura e comunicação**. Tradução Amélia Cohn, Rio de Janeiro: Cultrix, 1970.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, 2 v.

Recebido em: 24 de novembro de 2022.

Aprovado em: 11 de janeiro de 2023.

Publicado em: 10 de março de 2023.

